

Perfil

José Cardoso Pires: num "país de espertos e todo em moral"

Fernando Assis Pacheco

«Este país é de espertos e todo em moral que até chateia», diz Maria Norah, uma personagem menor do novo romance de José Cardoso Pires. Mas a definição não vale apenas para entender a Balada da Praia dos Cães, tendo tudo a ver com a mais profunda e mais duradoura obsessão do escritor: Portugal.

José Cardoso Pires poderia reclamar-se de dois antepassados muito especiais, Fernão Mendes Pinto e o Cavaleiro de Oliveira, sobre os quais já disse ou escreveu, aliás, coisas justas. A sua inquietação, radicada em pressupostos éticos, levou-o a uma escrita onde — no dizer de José Palla e Carmo — se detectaria o tom «sentencioso e exemplar» do dr. Johnson.

Perguntado um dia se vivia «bem», no sentido de em paz com o seu tempo e com as gentes que o rodeiam, respondeu que não. Perguntado na mesma ocasião se acaso cedia a depressões, piscou os olhos por sob os óculos de aros grossos e disse: tenho xis anos e sou português, Pai da Vida!

Identikit

José Augusto Neves Cardoso Pires nasceu em 2.10.1925 na aldeia do Peso, distrito de Castelo Branco, filho de José António Neves, oficial da Marinha Mercante e homem com bastante parentela — irmãos, sobrinhos — nos EUA, e de D.

Maria Sofia Cardoso Pires Neves. Uma irmã, Lurdes, médica; um irmão, António Nuno, desaparecido na juventude (despenhou-se a bordo de um avião da FAP).

Ter nascido na Beira Baixa foi um acaso: aos poucos meses de idade do menino os Pires Neves estão em Lisboa, no bairro de Arroios, indo José frequentar daí a anos a escola pública do Largo do Leão. Liceu, o Camões, tendo como professores Câmara Reys, Luís de Matos e um certo Rómulo de Carvalho que na segunda metade da década de 50 se revelaria como poeta — António Gedeão.

Aluno bom, mau? Apenas regular. E uma entrada na Faculdade de Ciências (Matemáticas Superiores, sem grande dia seguinte). A vida prática chamava-o. Já falaremos disso.

Para o identikit falta explicar que José Cardoso Pires é casado com Edite Pereira, do Bombarral, que conheceu em Lisboa. Edite, enfermeira com o curso Rockefeller, tem um irmão escultor, Vasco da Conceição. No «atelier» deste, en-

quanto Júlio Pomar retratava na tela o rosto anguloso do beirão forçado do Peso, entrou uma tarde Edite e...

«Olha, parece um esquilo!», disse Pomar.

D. Maria Sofia ainda avisou Edite de que o filho era um homem difícil:

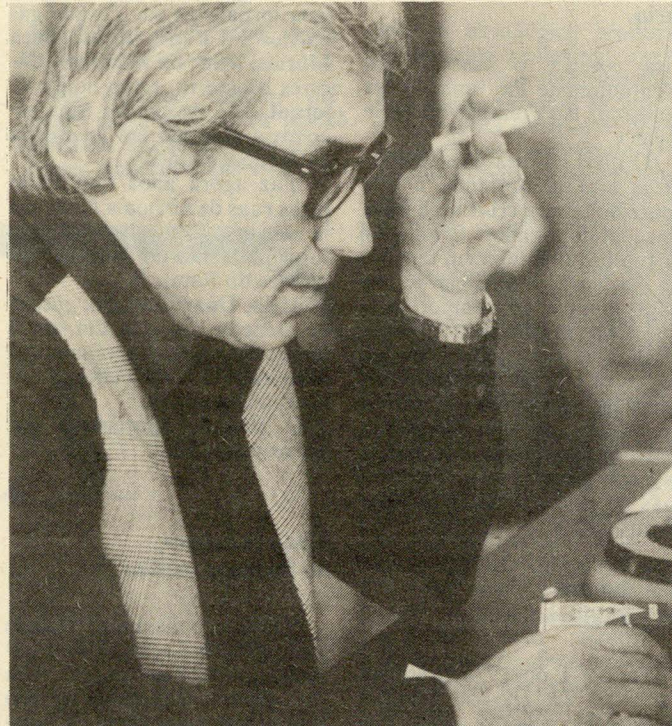
«Menina, não lhe dou os parabéns...»

«Esquilo» não quis saber, José tão-pouco. E têm hoje duas filhas, Ana e Rita.

Os ofícios

A Faculdade entra pelo cano: vamos mas é à vida!

Angariador de publicidade, agente de vendas, tradutor, editor (da Fólio, uma firma semifantasma que teve como principal fornecedor de escrita Aquilino Ribeiro: O Romance de Camilo e duas versões de Cervantes, vendidas em fascículos), mas antes disso praticante de piloto na paterna Marinha Mercante, que leva por duas vezes embarcado a África. E um emprego «de luxo», intérprete de uma companhia de aviação: aí José Cardoso Pires ganhou optimamente, frequenta casinos e hotéis de muitas estrelas comboiando turistas VIP, tem direito a farda. Farda que ele subverte do seguinte modo: os galões das mangas, que estavam cosidos, passam a



José Cardoso Pires «O tempo aclara o escritor»

estar presos por molas; no aeroporto põe os galões, fora do aeroporto desprende-os, meteos ao bolso e pavoneia-se com um belo fato azul-escuro, de corte anglo-saxónico.

Desliza depois para a TAP, então um simples departamen-

to da Direcção-Geral da Aviação Civil. Mas não aquece o posto: é eventual e quer fazer outras coisas, mesmo que elas não dêem para andar todos os dias bem comido.

Entre os ofícios possíveis há as revistas, os jornais. Experimenta?

Ao cheiro das rotativas

Ficou por dizer aí atrás que José Cardoso Pires também trabalhou nos Livros do Brasil: pouco tempo, saudade escassa.

Depois descobriu a revista Eva, de Carolina Homem Christo. Primeiro redactor, a tarimba da caneta, o cheiro da rotativa; mais tarde chefe de redacção (chefia que passará a Carlos de Oliveira). A Eva sub-

quirida deu-lhe para impulsar um projecto chamado Almanaque (que ainda se pode comprar completo, ali pela Rua da Glória, em livrarias de saldo), mensário ligado à Ulisse Editora. E para entrar no Diário de Lisboa como coordenador do suplemento literário, tendo por adjunto Vítor Silva Tavares. No âmbito do vespertino da Rua Luz Soriano criou também o suplemento A Mosca, que fez época, embora levasse uma sova de Artur Portela Filho logo nos primeiros números.

O José Cardoso Pires dos jornais é o José Cardoso Pires do Diário de Lisboa: amigo do director, A. Ruella Ramos, este convida-o para director-adjunto em 1974.

Sou testemunha directa (chefe de redacção do jornal, por delegação dos dois directores) desta fase da vida do escritor. O que me parece que ele era no cargo?

Parece-me, para começar, que estou diante de uma personagem ambígua. Não dizia José Cardoso Pires em Julho de 1967, a Mário Ventura Henriques, do Diário Popular, que o jornalismo nunca o tentou? E em 1969, a Maria Antónia Palla, do mesmo jornal, que «o jornalismo português é praticamente inexistente»?

Final descubro no director-adjunto um apaixonado do tablóide, para onde carrega planos de renovação gráfica, executados só parcialmente. Vejo-o esboçar «espelha» de primeira página: a manchete concentrada, forte, apelativa para o leitor médio; os «spots» cuidados, à inglesa; os títulos interligando-se, completando-se com legendas de fotos bem «esgalhadas». Fica célebre uma primeira página quase completamente dedicada à repressão numa «manif» em Caxias, diante do Forte: a fotografia de Hernando Domingues (um soldado da PM brandindo uma espingarda no acto de bater com a coronha num manifestante) corre mundo.

Ainda no Diário de Lisboa José Cardoso Pires, ajudado neste caso por J. Câmara Leme, cria o suplemento Sete-Ponto-Sete. Mas co-dirigir um vespertino custa os olhos da cara em termos de criação novelística. Quando sente que o prosador pode sair malferido da aventura, pede licença e sai. Sucede-lhe Fernando Piteira Santos, que ele mesmo propõe à administração da Renascença Gráfica.

Em 1982 — concretamente há dias — vem o resto da surpresa: José Cardoso Pires conta-me que tentou entrar como jornalista para o Diário de Lisboa nos anos 40, fiado em que o padrinho, Joaquim Manso, o empurrará pelas escadas acima.

Manso não o acha com «perfil» para a profissão. E certa vez, assistindo a esta conversa os pais de Cardoso Pires, encolhe os ombros e diz:

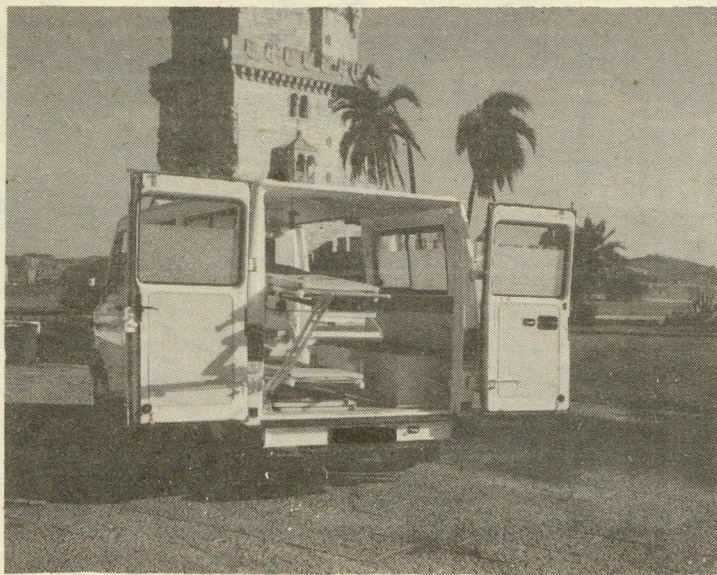
«O jornalismo, meu rapaz, é uma troca de favores...»

Trinta anos depois o escritor afirma a «boutade» do fundador do jornal.

Os jovens lobos

Luiz Pacheco diz que José Cardoso Pires se estreou nas «letras» assinando «As Aventuras do Mosquito Zigue-Zague» num jornal de putos do Liceu Camões, O Pinguim. Anos depois, em 1943, José Cardoso Pires manda para o quinzenário Cidade dos Rapazes um «ensaio» sobre Pierre Loti. Colaborará assim, de folha em folha, também no O Globo e no Afinidades, este último com ligação afectiva à Resistência francesa. A época, Segunda Guerra

Ambulância MERCEDES-BENZ L207 D



AMBULÂNCIAS ADQUIRIDAS PELA CÂMARA MUNICIPAL DE SINTRA E OFERECIDAS ÀS 8 CORPORAÇÕES DO CONCELHO:

- BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE BELAS
- BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE QUELUZ
- BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE ALMOÇAGEMEM
- BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE SINTRA

- BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE AGUALVA-CACÉM
- BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE COLARES
- BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE S. PEDRO DE SINTRA
- BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE ALGUEIRÃO-MEM MARTINS

C. SANTOS — VEÍCULOS E PEÇAS — Avenida da Liberdade, 29 — 1200 LISBOA

Mundial quase no fim, vê-o formando parte de um grupo de jovens lobos (Cesariny, Pacheco, Pomar, Dias Coelho, Vespiera) que ele evocará no **Diário Popular**:

«De modo que, por entre fachadas silenciosas com vidraças cruzadas por tiras de papel contra os ataques aéreos, nós discutíamos o poema, o quadro. Fazíamos a revisão do quotidiano, se assim se pode dizer. Púnhamos em ordem o nosso desajustamento, iluminados pelas irreverências salutaras e por uma decidida vontade de dizer bem e diferente. (...) Uma cidade, pura e simplesmente, por onde nós passeávamos os nossos projectos de vida, uns fazendo versos, outros ouvindo, outros, ainda, desenhando. E todos tínhamos família que nos dava guarida e não compreendia...»

«Menina, não lhe dou os parabéns!»

«E sonhos, muitos sonhos.»

O coro do Graça, os batebocas entre Lisboa e Coimbra a propósito do neo-realismo (ainda agora o incomoda a insinuação de que seria uma figura de um alegado segundo neo-realismo: ele diz sempre que é, foi, outra coisa, um escritor contra os ornatos, sim senhor, mas também adversário do miserabilismo, que inquinou grande parte da produção da «escola»), os Livros das Três Abelhas (da Europa-América, criação sua e de Victor Palla, para os quais traduz Elio Vittorini e Arthur Miller), finalmente **Os caminheiros e outros contos**, em 1949, pequeno volume cujos ancestrais directos são Faulkner e Hemingway, Conrad talvez, porque não Mendes Pinto, seguramente Vittorini, com quem virá a fazer amizade.

O leitor pegue, se quiser, no livro que Maria Lúcia Lepecki dedicou a José Cardoso Pires, e complete esta parte do perfil.

Um aparo que pensa

Volta e meia, se lhe perguntam «então você publica tão pouco, o que é isso?», abana a cabeça e responde com uma explicação que já sabe de cor:

«É que eu escrevo com dificuldade. Penso muito com o bico do aparo...»

Foi um escritor de maturação paciente. (E hoje por hoje redige uma simples dedicatória com a lentidão dos lentos: «Meu caro...», risca, «Caro...», «cordialmente do...», outro risco, «seu...»).

Os livros não lhe saem à primeira. Isso... **O Delfim** teve quatro versões ao longo de seis anos. **A Balada da Praia dos Cães** três versões (duas delas totalmente diferentes, «personagens e tudo») em três anos «de trabalho seguido».

A Balada: ao fim da primeira versão José Cardoso Pires descobre que há duas personagens «tiradas do real» com quem se não dá bem; pega no bloco e volta ao princípio: um PJ, até aí apagado, cresce de dimensão e transforma-se no «pivot».

«O tempo aclara o escritor», diz. «Um tema requer um estilo adequado». «Escrever é escolher, seleccionar». «Faz-me falta um certo distanciamento para ler o que escrevi». «Temos palavras a mais para esconderem ideias a menos».

As obsessões

Todo o homem é o leito das suas obsessões.

José Cardoso Pires: o País apeado contra o País a cavalo (como nos toiros, que a princípio detestava e mais tarde descobriu, os de morte, também

como obsessão); as paisagens litorâneas (Margem Sul: Fonte da Telha, Caparica, mais para o Sul a costa de Porto Covo) e lagunares (Óbidos, Albufeira, Santa André: tudo somado deu a Gafeira de **O Delfim**); as polícias (que detesta, disseca, surpreende, cerca, acossa: vingança de vítima potencial); Portugal então, como eu disse a abrir. E esta é realmente a mais profunda.

Portugal de pá e pica na estrada. Ou batendo melancólicos «baldes» nos balcões das tabernas. Viajando em soturnos comboios, fardado pingão. Amando mal, amando triste, com um secreto pendor onanista (de educação, de castração familiar). Sedimentando os seus ódios pequenos, que depois se transformam em grandes azebres de alma e... Portugal, rastejante («rastilhante», melhor dito, com palavra do próprio) — sardanisca n**O Delfim**, «Lagarto Lizardo» na **Balada da Praia dos Cães**. Réptil, sangue frio, em quase imobilidade congénita dentro do seu «deserto vidrado» ou ao sol do muro desta «Aldeia dos Esquecidos (do mundo)».

A Balada, pretexto deste «Perfil», está a sair do prelo numa edição de «Jornal».

Diz-me o que comes (vestes, guias...)

Aproximemo-nos de José Cardoso Pires lisboeta.

No Inverno agasalha-se em casacões cortados ao estilo «sport» ou em sobretudos curtos tipo samarra (o contrário também pode ser verdadeiro). Escolhe bem as camisas e as meias. Gravata, nem sempre usa, deixando aparecer o pescoço forte, base de sustentação de meia dúzia de cabeçadas em insolentes que fizeram a sua pequena história na Lisboa dos anos 50.

É um homem de índole pacífica. Mas, quando a mostarda sobe às abas do nariz, pode ainda tentar controlar-se durante uns minutos, findo os quais explode e varre a direita.

À falta de um qualificativo para as mãos, chamemos-lhes **camponesas**. Agarram com força: a mão do amigo, o copo da bebida, o volante do velho **Mazda** azul-escuro, que ele apelidava, quando o comprou, de «carro para alfaiates».

E por se falar nisso, acrescenta-se que é um péssimo arrumador de carros nos passeios de Lisboa. Guia muito melhor do que arruma, embora sujeito a distrações: toque num pimenteiro, no pára-choques do carro da frente. Já se estampou mais de uma vez, sem consequências graves. Nunca abordámos esse assunto, mas com certeza que adoraria ter «chauffeur». Um «chauffeur» que fosse um confiante.

Não se alimenta desmedidamente: come o bastante, que chega a ser pouco. Petisqueiro, claro. Descobridor de restaurantes, que aconselha vivamente: o falecido **Cobra** na Beira Baixa, a **Estrela do Conde Barão**, de Lisboa, este último por causa do peixe fresco (os donos galegos têm ligação familiar a um posto de venda no Mercado da Ribeira, de onde a qualidade do pescado posto nas mesas) e do polvo cozido com batatas e grelos, um toque de colorau por cima.

Excelente cozinheiro, garante quem já foi convidado para a casa-mãe de S. João de Brito ou para o apartamento da Costa da Caparica. Por mim recorde em especial um atum de salmoura, cozido com duas cebolas para tirar o sabor reimoso, que fizemos transpor a aduana do epigastro há um par de anos. Mas na pele de anfitrião ele é exagerado: para duas pessoas, que não precisaram senão de duas ou três postas, com-



«A Balada» Pegar no bloco, e voltar ao princípio

prou na Rua do Arsenal um quilo de peixe. (E por tudo o que fica atrás exposto não consigo perceber como se aguentou em Inglaterra tanto tempo. **Fish and chips?** Carneiro guiado? **Pizzas?** Deve ter sido um castigo.)

Londres

Visto de fora, Portugal vê-se melhor: mais nítido.

Entre 1969 e 1971 José Cardoso Pires faz parte do «staff» docente do King's College co-

mo «lecturer». Em 1979, na sequência de um elogioso artigo no **Times Literary Supplement**, os ingleses lembram-se outra vez dele e propõem-lhe uma estadia como «Resident Writer» — «escritor residente».

Lecciona, recebe alunos que querem pôr-lhe problemas. Nada de muito pesado, sobra tempo. É então que escreve **O Dinossauro Excelentíssimo**, seu ajuste de contas com Salazar e a Coimbra doutora, alfoze de juristas mandadores do corridinho pátrio. Didático, endebeira o livro à filha mais nova: para que ela nunca esqueça, não se deixe enganar.

Lisboa

Em Lisboa, logo a seguir ao 25 de Abril, aceita um convite para vereador da Câmara Municipal. Ver de perto, meter as mãos nos problemas.

Ver de perto, ouvir de perto: nas primeiras semanas depois do apeamento de Caetano viaja incessantemente até ao Forte de Caxias, que é comandado por um amigo, Abrantes Serra, oficial da Marinha, e assiste ao desfile dos Pides e dos «bufos». Um destes, descobre ali mesmo, era um amigo seu.

Tem nesses dias um beber desalmado.

Lisboa («Lizardo», o PJ Elias Santana, o quarteto da morte da **Balada da Praia dos Cães**) de perto, como se estivesse aqui: compra um piso na Costa da Caparica e entremeia a escrita com escapadas até aos cinemas e os restaurantes da Margem Norte. Edite faz-lhe companhia nos fins-de-semana.

(É Edite quem dactilografa os seus livros.)

Os mandamentos da amizade

Sendo os amigos a espécie mais preciosa, estes deverão, em contrapartida, observar algumas regras essenciais. No caso de José Cardoso Pires eu arriscaria como segue:

1. Antes de tudo, ser-lhe leal.
2. Aceitá-lo, qualidades e defeitos, como um todo.
3. Aturá-lo nas baixas de pressão. E nem é aturá-lo, é fazer-lhe companhia.
4. Desviá-lo dos cafés, onde acha que não há intimidade. Prefere os bares ou as caminhadas pelos passeios.
5. Não pedir que mostre os

seus livros antes de acabados: não mostra, faz-se desentendido.

6. Dizer-lhe exactamente a verdade sobre eles: bom psicólogo, não se deixaria enganar por elogios grosseiros.

7. Evitar-lhe colar-lhe a imagem do boémio, que só é quando quer, ou do violento, que só é como reflexo de defesa. Não perguntar «o quê, já acordado?» Acorda cedo, às oito da manhã é capaz de já estar a escrever.

8. Contar-lhe histórias: adora. No melhor dos casos adota-as, fazendo suas as personagens do imaginário alheio.

9. Não o desinquietar com propostas de viagens: agarra logo na mala. Espanha, sobretudo. Em Espanha é como um tentilhão fora da gaiola. Já experimentei a «tournée».

10. Trazer-lhe «John Players» pretos dos «free shops». Não costuma cravar-me com outra coisa, mas o cigarrinho inglês é que ele não perdoa. Depois, se o amigo pretende oferecer-lho, leva uma ripada. Contas são contas.

Mete-se no «shaker» e serve-se com uma pedra de gelo. «Cheer up!»

No ouro a mais bela expressão do tempo



Omega Joaillerie

a beleza de um relógio de Ouro.

Omega Constellation

um cronómetro com certificado de observatório. Impermeável e de audaciosa técnica.

Ω
OMEGA



International Gold Corporation